



ASPECTOS ETNOECOLÓGICOS DO PARQUE ESTADUAL DO ARAGUAIA-MT COMO SUBSÍDIOS PARA DELINEAR ESTRATÉGIAS DE USO E CONSERVAÇÃO

JANCOSKI, Halina S.^{1,4}, MARIMON, Beatriz S.^{2,4}, MARIMON-JÚNIOR, Ben Hur^{2,4}, FRAN CZAK, Daniel D.³ e LIMA, Herson S.³.

1-Discente, 2-Docente, 3-Pesquisador, 4- UNEMAT, Campus Universitário de Nova Xavantina-MT, Departamento de Ciências Biológicas.

INTRODUÇÃO

O atual Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) brasileiro divide-se em duas categorias com características específicas: unidades de proteção integral, onde é admitido apenas o uso indireto dos recursos naturais, e unidades de uso sustentável, onde é admitido o uso direto.

O debate envolvendo a presença ou não de populações tradicionais dentro de unidades de conservação (UC's) de uso indireto tem sido polarizado em duas correntes. Para os conservacionistas, qualquer atividade humana representa uma ameaça à biodiversidade. Para a corrente moderada, a presença dessas populações pode ser benéfica, causando um impacto mínimo, compatível com os objetivos de conservação da natureza (Moreira & Anderson 1996). Nesse contexto, a etnoecologia surge como estratégia de aproximação da ciência e do conhecimento tradicional como instrumento para auxiliar na manutenção ou não de pessoas em UC's, buscando a interação das populações humanas com os ecossistemas naturais.

No presente trabalho efetuou-se um estudo etnoecológico com os moradores do Parque Estadual do Araguaia (PEA). Foi analisada a percepção da comunidade sobre as unidades de paisagem integradas com o sistema de manejo de gado realizado pelos moradores.

MATERIAL E MÉTODOS

O PEA localiza-se na confluência do Rio das Mortes (RM) e do Rio Araguaia (RA), abrangendo uma área de 230 mil hectares no município de Novo Santo Antônio-MT. A região é parte da Planície Sedimentar do Bananal, também conhecida como Pantanal Mortes-Araguaia ou Pantanal do Araguaia.

Foram entrevistados 41 moradores em 21 fazendas, abrangendo oito residências nas proximidades do RA e 13 residências na região do RM. As entrevistas foram parcialmente estruturadas apresentando alguns tópicos fixos e outros redefinidos conforme o andamento das mesmas. As entrevistas foram gravadas com autorização dos entrevistados e posteriormente transcritas para uma melhor interpretação dos dados. Em seguida, os dados foram classificados nas seguintes categorias: 1) organização social; 2) relações sócio-econômicas e culturais; 3) atividades econômicas; 4) unidades de paisagem; 5) sistema de inundação; 6) queimadas e 7) perspectivas futuras.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com os moradores, alguns vivendo há mais de 40 anos no local, as estações do ano são divididas em "inverno" (período chuvoso) e "verão" (seca). As unidades de paisagem foram identificadas como do "alto" ou "enxuto", referindo-se aos ambientes que não sofrem inundação no período chuvoso e encontram-se em locais topograficamente mais elevados. As unidades do "baxio" são aquelas localizadas em porções planas, rebaixadas e que são inundadas na época das chuvas. As unidades do "alto" identificadas pelos moradores foram: cerrado, capão, torrão e mata. As unidades do "baxio" foram: varjão, limpeza, lagoa, ilha, muricizal, impuca.

De acordo com Campos-Filho (2003), as unidades de paisagem podem ser construídas com base no conhecimento tradicional não-unificado, pois cada comunidade possui uma organização social que expressa de forma diferente suas identidades culturais. É a expressão da vida local que identifica nomes dados às paisagens, de acordo com as características, funções e manejo dos ambientes.

No PEA as unidades de paisagem do “alto” assemelham-se às características do cerrado sentido restrito, mata ciliar não-inundável, mata de galeria ou cerradão. Nas unidades do “baxio” o varjão é caracterizado por campos gramíneos que possuem ou não “monchões” (morrotes), mais conhecidos como “murundus”, que são ocupados por espécies lenhosas típicas de cerrado. Segundo Oliveira-Filho (1992), esse tipo de fitofisionomia corresponde aos Campos de Murundus. Quando os varjões ocorrem sem a presença dos murundus, em áreas mais baixas, planas e abertas, são denominados de “limpeza”. Nestas áreas, em geral, a inundação é mais intensa e prolongada. As “lagos” são fragmentos naturais compostos basicamente por herbáceas e gramíneas. As “ilhas” são porções topograficamente mais baixas e próximas aos rios, que mantém-se verdes mesmo no período da seca. Na realidade, não são ‘ilhas’ no sentido geográfico, mas ilhas de vegetação sempre-verde. Os “muricizais” ocorrem em áreas abertas e compõem manchas de vegetação monodominante de murici (*Byrsonima orbignyana*). As “impucas” são fragmentos naturais de florestas aluviais que ocorrem em depressões que favorecem seu alagamento. Segundo Martins *et al.* (2006), estas florestas representam importantes elementos de drenagem nesta planície de inundação sazonal, pois no período das cheias estabelecem a ligação entre os rios, córregos e lagos.

A atividade econômica básica da região é a pecuária extensiva, com o gado criado “na larga”, sem a separação de cercas e com o pasto parcialmente manejado com queimadas. De acordo com o relato dos moradores, o gado é marcado e, em um sistema comunitário, todos cuidam das reses uns dos outros. A dinâmica natural da vegetação herbácea que cresce nos varjões, limpezas, impucas, ilhas e capões do PEA determina a dinâmica do manejo do gado. Esta relação é tão estreita que todos os moradores afirmam ser impossível viver no local sem a existência de todas essas paisagens, pois cada uma possui um papel-chave em determinada época do ano. Na seca, o gado se alimenta nas ilhas, limpezas, varjões e bordas das impucas, enquanto que nas chuvas o gado se abriga e se alimenta nos capões, cerrados e matas, onde o relevo é mais elevado.

CONCLUSÃO

A atividade pecuária desenvolvida no PEA é um fator de construção de paisagens e os moradores

dependem da manutenção integral dessas paisagens para a sua sustentabilidade sócio-econômica. O conhecimento da comunidade local poderá ser um importante instrumento para delinear estratégias de uso e conservação da biodiversidade do PEA.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Campos Filho, L. V. S. 2003.** Uma Paisagem Pantaneira. In: Coelho, M. F. B.; Costa Júnior, P.; Dombroski, J. L. D. (eds.). *Diversos Olhares em Etnobiologia, Etnoecologia e Plantas Mediciniais*. UNICEN, Cuiabá-MT.
- Martins, A. K. E.; Schaefer, E. G. R.; Silva, E.; Soares, V. P.; Corrêa, G. R.; Mendonça, B. F. 2006.** Relações solo-geoambiente em áreas de ocorrência de ipucas na planície do médio Araguaia-Estado de Tocantins. *Revista Árvore* 30 (2): 297-310.
- Moreira, A. & Anderson, A. 1996.** Unidade de Conservação no Brasil: Populações Tradicionais, Estado e Sociedade. In: *Anais do Seminário Internacional sobre Presença Humana em Unidades de Conservação*. Brasília 1996. Brasília, Ministério do Meio Ambiente.
- Oliveira-Filho, A. T. 1992.** Foodplain “murundus” of Central Brazil: evidence for the termite-origin hypothesis. *Journal of Tropical Ecology*, 8: 1-19.